



# Do ritual ao teatro

a seriedade humana de brincar

Victor  
Turner

EDITORA

Editora UFRJ

## DO DROMENON AO DRAMA

Victor Witter Turner, antropólogo da escola de Manchester, convida o leitor, ao longo de sua obra, a percorrer desde os ritos de passagem e os conflitos políticos nas aldeias Ndembu, passando pelas grandes narrativas míticas, as sagas e os dramas históricos, as peregrinações aos santuários religiosos e as performances culturais, até experimentações teatrais contemporâneas, num notável exercício de diversidade temática no campo da Antropologia dedicada à compreensão dos processos rituais que tornam possível, comunicável e vívida a experiência humana.

Neste livro de 1982, o autor revisita várias noções importantes que marcaram sua produção. A passagem do ritual ao teatro evocada no título representa o refinamento de sua abordagem justo no momento enriquecedor de seu diálogo com a dramaturgia, o que lhe permite reelaborar suas perspectivas analíticas a partir de múltiplas reconciliações, a mais expressiva delas sendo, talvez, entre arte e ritual, evocando não somente reminiscências familiares mas também provocações oriundas da leitura de Jane Harrison, classicista à qual recorreria não poucas vezes em seus textos.

Particularmente interessam aqui as observações da autora a propósito da complexidade do campo semântico recoberto pelas palavras gregas *dromenon* e *drama*, derivadas do verbo *dráo*, que significa "eu ajo, eu faço, eu executo, eu realizo". Em *Ancient art and ritual* (1913), Harrison ressalta que "a palavra grega para rito é *dromenon*, 'a thing done', uma coisa feita. Os gregos compreenderam que, para desempenhar um rito, você precisa fazer alguma coisa, isto é, você precisa não somente sentir algo, mas também expressar isso na ação. [...] É um fato de grande importância que essa palavra para representação teatral, *drama*, seja prima da palavra para ritual, *dromenon*; *drama* também significa 'coisa feita'".

Ou seja, ritual (*dromenon*) e teatro (*drama*) eram coisas para serem feitas, e não simplesmente para serem vistas. Nas origens do teatro grego antigo, não havia propriamente um palco, e, logo, o teatro não poderia ser reduzido ainda a um espetáculo. Cena (*skenè*) era a tenda onde os atores se vestiam e não tinha o sentido corrente de palco, plataforma para que melhor pudessem ser vistos – uma invenção posterior, prefigurada no teatro de Epidauro. De um extremo emocional ao outro, da empatia totalizante ao estranhamento arrebatador, passando pela mais temível indiferença, uma peça de teatro, fosse na Atenas antiga ou na Broadway atual, deve sensibilizar o público, que se permite ou não ser capturado, deixando-se co-mover, cativado pela ação que se desenrola. Diferentemente do teatro, dirá Turner, não existe distinção entre plateia e elenco, entre observadores e atores no ritual. Trata-se, ao contrário, de um profundo comprometimento entre a ação e as ideias implicadas em seu curso (*dianóia*) e configuradas no plano da experiência.

Do estimulante diálogo com seu amigo Richard Schechner, destacará um argumento em favor dessa fina distinção, pois a emergência do teatro como forma expressiva ocorre a partir das

## DO RITUAL AO TEATRO

Este livro foi impresso pela gráfica Didática Editora do Brasil para a Editora UFRJ em novembro de 2015. Utilizaram-se as fontes Sabon e Times na composição, papel offset 90 g/m<sup>2</sup> para o miolo e cartão supremo 250 g/m<sup>2</sup> para a capa.

declinações que conhecerá na História a separação emblemática entre plateia e elenco, com consequências sobre as formas de apreensão do curso da própria ação desempenhada. No livro *Ritual, play and performance*, Schechner afirma que “o paradigma da situação teatral é um grupo de atores pedindo a presença de uma plateia, que pode comparecer ou não. A plateia é livre para assistir à peça ou não; e se eles não forem, é o teatro que sofre, não sua suposta plateia. No ritual, o não comparecimento significa rejeitar a congregação ou ser rejeitado por ela, como acontece na excomunhão, no ostracismo ou no exílio”.

Mergulhando profundamente nos textos eruditos e nas etimologias clássicas, Turner investe com toda a propriedade na pesquisa empírica e na dimensão narrativa, considerando a dramaturgia não simplesmente uma metáfora, mas fundamento estético e ético do *theatrum*, lugar da representação e da expressão, com suas crises que dão plena tonalidade emocional às ações que caracterizam a vida em sociedade. Pois, para Victor Turner, a vida cotidiana está intrinsecamente conectada à encenação, e a recíproca também é verdadeira. Em seu vigor intelectual e atitude criativa e ousada diante do conhecimento, o autor ressalta que, entre a ciência evocada pelo pai engenheiro e a arte encarnada por sua mãe atriz, encontrou “um meio-termo, ao inventar uma unidade de descrição e análise” que chamou de drama social, evocando assim a dimensão existencial da ação.

Essa unidade lhe permite estabelecer um foco narrativo *sui generis* a partir do qual inspeciona interessadamente as ações e suas formas expressivas, consciente de que todas as formas literárias e dramáticas – incluindo as etnografias – apresentam o ponto de vista de um autor, muito embora nem sempre haja um narrador explícito capaz de evocar, unir, apresentar e conferir sentido a uma história. Tal como Shakespeare em sua comédia *Much ado about nothing* (1598), Turner busca explorar todas as reverberações inesperadas do significado a partir de falas e ações de personagens que, enredados em histórias, constituem essa “unidade de descrição e análise” independente de um narrador, de cujos olhos ou voz apreendemos a narrativa e suas inter-ações. Pois, tal como bem definiu Raphael Bluteau em seu *Vocabulário português e latino* (1728), “drama, ou obra dramática, é um gênero de poesia em que o poeta não fala, mas faz falar várias pessoas”.

Marco Antonio da Silva Mello  
Felipe Berocan Veiga

Marco Antonio da Silva Mello

Professor do Departamento de Antropologia Cultural e coordenador do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro) da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Felipe Berocan Veiga

Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do LeMetro/IFCS-UFRJ.

Victor Witter Turner (1920-1983), antropólogo escocês da escola de Manchester, dedicou-se de maneira notável ao exercício da diversidade temática no campo da Antropologia dos processos rituais que tornam possível, comunicável e vívida a experiência humana. Entre os temas estudados por ele, destacam-se os ritos de passagem e os conflitos políticos nas aldeias Ndembu, as narrativas míticas, sagas e dramas históricos, as peregrinações religiosas e as performances culturais e experimentações teatrais contemporâneas.

Neste livro, o autor revisita com propriedade e grande poder de síntese várias noções importantes que marcaram sua obra. A passagem do ritual ao teatro evocada no título representa um refinamento de sua abordagem justo no momento enriquecedor de seu diálogo com a dramaturgia, o que lhe permite reelaborar suas perspectivas analíticas a partir de múltiplas reconciliações, a mais expressiva delas sendo, talvez, entre arte e ritual.

ISBN 978-85-7108-410-0



9 788571 084100